

APRENDIZAGEM E MOTIVAÇÃO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UM ESTUDO NA FORMAÇÃO CONTINUADA EM CONSELHOS ESCOLARES EM SANTA CATARINA

Daniela Karine Ramos¹, Fabiana Lopes Ribeiro², Aline Santana Martins³

¹Universidade Federal de Santa Catarina/ MEN, dadaniela.ramos@gmail.com

²Universidade Federal de Santa Catarina/ Tutoria de EAD, fabigor@gmail.com

³Universidade Federal de Santa Catarina/ Tutoria de EAD, alinesmar@gmail.com

Resumo – Este estudo discute as contribuições à aprendizagem significativa e a motivação no curso de Extensão a Distância Formação Continuada em Conselhos Escolares, com base na avaliação realizada junto aos cursistas participantes no segundo semestre de 2013. A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário on-line, composto por questões objetivas e abertas, aplicado com o intuito de avaliar o curso e o processo de aprendizagem a distância. A amostra foi composta por conveniência, totalizando 96 cursistas respondentes. Os dados analisados demonstraram que os alunos apresentam um perfil que enfatiza a questão do tempo como principal problemática enfrentada para realização do curso a distância, mas que consideram ter aprendido significativamente e se sentem motivados a realizar o curso.

Palavras-chave: Educação a distância; Aprendizagem; Tecnologias Digitais; Conselhos Escolares

Introdução

Este artigo discute as contribuições à aprendizagem significativa e a motivação em cursos na modalidade a distância, com base na avaliação realizada junto aos alunos do curso de Extensão a Distância Formação Continuada em Conselhos Escolares. Este curso integra as ações do Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares, da Secretaria de Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação.

O curso está organizado em duas Fases complementares, sendo que a Fase 1 (100h) é pré-requisito para realização da Fase 2 (100h), totalizando 200 horas, e tem como objetivo capacitar técnicos da secretaria estadual e das secretarias municipais de educação de Santa Catarina, visando qualificá-los para o trabalho com a gestão democrática nas escolas e nos sistemas ou redes de ensino onde atuam, especialmente, no que se refere à implantação e ao fortalecimento de Conselhos Escolares.

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, APRENDIZAGEM E TECNOLOGIAS

A Educação a Distância (EAD) possui características que flexibilizam os espaços e

os tempos de aprendizagem, ao mesmo tempo em que faz uso crescente das tecnologias da informação e comunicação para mediação pedagógica, acompanhamento, disponibilização de materiais, proposição de atividades e realização de interações mediadas. Essas características estão descritas em sua própria regulamentação no Brasil, conforme consta no decreto nº 5.622¹, de 2005

Modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (Brasil, 2005).

As características da EAD, os diferentes meios, recursos didáticos e alternativas de gestão, criam um cenário de diversificadas experiências nessa modalidade. Segundo Belloni (1999), o processo de ensino e aprendizagem a distância pode ocorrer pela utilização de meios tecnológicos, tais como materiais impressos, ambientes virtuais de ensino e aprendizagem, videoconferências, correios, telefone, entre outros. Além disso, a interação mediada entre estudante e professor no espaço (à distância) e no tempo (discordante na relação entre ambos) ocasiona certa complexidade neste processo, pois as tecnologias também proporcionam diferentes experiências com relação às dimensões de espaço e tempo.

Essas mesmas características e diversidades podem repercutir sobre a aprendizagem. De acordo com Belloni (1999) entre os principais fatores que podem levar ao sucesso ou ao fracasso da aprendizagem do estudante está a sua dificuldade no acesso aos materiais do curso, a familiaridade no uso de tecnologias, a demora de respostas às suas dúvidas, o tempo de dedicação destinado ao curso e o desempenho e a qualidade do trabalho do professor ou tutor. Para a autora, o contato, a comunicação e a interação entre professor e estudante são primordiais para que esse se envolva na aprendizagem. Afirma que uma das finalidades da EAD é propiciar a aprendizagem autônoma ao estudante e, para que ela se concretize, há a necessidade de entender o contexto em que ele se insere, motivá-lo e auxiliá-lo durante a realização de um curso, principalmente por que os resultados dependem do aluno e destes fatores.

Nesse sentido, Moore e Kearsley (2007) discutem os papéis do instrutor² em um curso a distância e pontuam a organização do curso, a seleção de ferramentas, a natureza do conteúdo, a maturidade do aluno como alguns fatores que podem influenciar na aprendizagem. O tutor cumpre o papel de auxiliar os estudantes na aprendizagem do conteúdo, exercendo funções de ensino, de apoio e

¹ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm Acesso em 20/04/2014

² Neste texto, interpretamos que o instrutor nomeado pelos autores é o professor ou tutor a distância. Usaremos as três nomenclaturas para respeitar as ideias dos autores, com o foco na tutoria.

acompanhamento do progresso do aluno.

Entre as ações de um tutor à distância estão a correção de atividades, a comunicação, a avaliação, o *feedback*, o aconselhamento e a supervisão e moderação da participação dos alunos no processo de aprendizagem. Em contextos de curso de formação continuada, é preciso ter como pressuposto que o estudante é adulto, já apresenta experiências, pode ter ocupação profissional, família. Tem que dividir o seu tempo entre diferentes atividades e o estudo, o que requer esforço e organização do tempo, bem como podem emergir questões do seu cotidiano que repercutam sobre a sua motivação para aprender. Desse modo, podemos identificar fatores pessoais relacionados à motivação, mas também há fatores relacionados ao próprio curso, como qualidade de conteúdos, as atividades propostas, o acompanhamento realizado pelo tutor e o próprio processo de avaliação. Esta última pode configurar-se como importante momento de diálogo e mediação pedagógica quando assume a função de orientar os alunos com relação a sua trajetória de aprendizagem e pauta-se em critérios claros, justos e coerentes ao conteúdo trabalhado.

Avaliação justa e objetiva; ter seu trabalho tratado com respeito; explicação e justificativa com a nota dada; uma indicação clara de como podem melhorar em termos de respostas específicas às perguntas e em geral; incentivo e renovação da confiança a respeito de sua capacidade e progresso; críticas e conselhos construtivos; uma oportunidade para responder, se desejado; uma resposta na ocasião certa (isto é, antes de a próxima tarefa ter de ser entregue) (MOORE e KEARSLEY, 2007, p.150-151).

Nesse contexto, o professor tutor, ao atuar na avaliação e acompanhamento dos alunos, assume um importante papel na mediação e interação com o estudante e desse com o conteúdo, com a tecnologia e com os colegas, além de motivá-lo para o estudo.

Quando a comunicação e a interação são mediadas por tecnologias, ela passa ao mesmo tempo por um processo de mediação pedagógica. Gutiérrez e Prieto (1994, p.62) definem mediação pedagógica como, “o tratamento de conteúdos e das formas de expressão dos diferentes temas, a fim de tornar possível o ato educativo dentro do horizonte de uma educação concebida como participação, criatividade, expressividade e relacionalidade”. Assim, a mediação pedagógica na EAD consiste em um conjunto de procedimentos realizados na criação de materiais educativos, nesse caso textos, atividades, que objetivam uma educação baseada na comunicação, e que por isso, tem como fundamento o diálogo.

A partir da mediação pedagógica, do uso das tecnologias e das estratégias didáticas, pretende-se contribuir com a aprendizagem significativa. Aprendizagem que toma como ponto de partida os conhecimentos prévios, o estabelecimento de relações substanciais entre os conteúdos e a valorização do aluno ativo em seu processo de aprendizagem ao favorecer a atividade mental e o conflito cognitivo

(ZABALA e ARNAU, 2010).

No Curso de Formação Continuada em Conselhos Escolares da UFSC, totalmente a distância, utilizamos o Ambiente Virtual de aprendizagem (AVA) Moodle, que apresenta recursos e atividades para professores e estudantes. Em sua concepção³, os recursos do AVA Moodle são ferramentas e instrumentos de organização de conteúdo para os professores, enquanto as atividades são ferramentas e instrumentos que possibilitam a interação do estudante com a interface, do estudante com conteúdo, de estudante com estudante e de estudante com professor.

As atividades podem oferecer espaços de acesso a conteúdos, atividades de interação e comunicação, de produção escrita, de avaliação etc., e os recursos oferecem páginas de texto, páginas de Web, links a arquivos e/ou sites, softwares de programação de conteúdos, softwares de importação e exportação de dados, e inserção de conteúdos em texto e imagens (MARTINS, 2012).

Ao se referir aos ambientes virtuais de aprendizagem, Santos (2009) menciona que nestes espaços professores e estudantes têm a oportunidade de colaborar, interagir, dialogar, criar, produzir e desenvolver práticas de autoria individual e coletiva. Em suas palavras,

Os ambientes virtuais de aprendizagem envolvem não só um conjunto de interfaces para socialização de informação, de conteúdos de ensino e aprendizagem, mas também, e, sobretudo, as interfaces de comunicação síncrona e assíncronas (Idem, p. 5664).

O que significa que professores e estudantes tem a oportunidade de interagir no mesmo espaço em tempos diferentes.

Para Coll e Monereo (2010), a discussão a respeito das potencialidades das tecnologias nas práticas educacionais deve ser feita sob o ponto de vista dos usos efetivos que professores e estudantes fazem delas nos processos de ensino e aprendizagem, uma vez que existem múltiplos fatores que interferem/influenciam a melhoria da aprendizagem, o que indica uma difícil confirmação empírica destes potenciais.

METODOLOGIA DA PESQUISA

O estudo realizado tem caráter exploratório e abordagem quanti-qualitativa, pois visa ampliar a compreensão sobre os processos de ensino e aprendizagem que ocorrem na modalidade a distância, destacando os aspectos motivacionais e as contribuições à aprendizagem significativa.

A coleta de dados foi realizada durante o segundo semestre de 2013, por meio de um questionário on-line, composto por questões objetivas e abertas, que

³ Fonte: moodle.ufsc.br Acessado em maio de 2009.

pretendiam mapear o perfil dos alunos - abordando aspectos como sexo, idade, atividades profissionais desenvolvidas, acesso aos recursos tecnológicos utilizados no curso - e identificar comportamentos relacionados aos estudos e aspectos que contribuem para a aprendizagem.

A aplicação do questionário on-line foi realizada por meio do ambiente virtual de aprendizagem, sem identificar os respondentes. Desse modo, a amostra considerada foi composta por conveniência, totalizando 96 alunos respondentes.

Os dados coletados a partir dos questionários foram organizados e tabulados utilizando uma planilha digital. As questões objetivas puderam ser contabilizadas e analisadas com base na estatística descritiva.

As questões abertas foram pré-analisadas por meio de uma leitura flutuante, seguida pela identificação de palavras-chaves e elaboração de indicadores que foram codificados e contabilizados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre o universo pesquisado, constatou-se que a grande maioria dos cursistas do curso de extensão em Formação Continuada em Conselhos Escolares é do sexo feminino (n=89), correspondendo 93% do total. Com relação à idade, 46% tem entre 31 e 41 anos (n=44), 36% tem entre 42 e 51 anos (n=35), 13% tem entre 18 e 30 anos (n=12) e 5% tem entre 52 e 61 anos (n=5). Configurando um grupo de alunos adultos, que podem ser descritos, conforme Gayo e Cavalvante (2005) “como sujeito do processo de ensino/aprendizagem, considerado como agente capaz, autônomo, responsável, dotado de inteligência, consciência, experiência de vida e motivação interna”.

Sobre as atividades profissionais dos cursistas, 26% atuam como assistentes técnico-pedagógicos (n=27), 15% atuam como técnicos ou assistentes administrativos (n=15), 15% atuam como gestores (n=15), 10% atuam como professores (n=10) e 8% atuam como especialistas em assuntos educacionais (n=8). Os demais respondentes (n=27), correspondendo 26% do total, possuem outras atividades não especificadas, mas atuam em redes de educação pública.

Neste estudo foram abordados alguns dos aspectos considerados na avaliação realizada pelos cursistas, visando discutir aspectos relacionados à aprendizagem na modalidade a distância.

Iniciou-se descrevendo os dados obtidos com relação à percepção do próprio aluno sobre a sua aprendizagem. A partir do questionamento feito, foi possível identificar que 80% (n=77) dos cursistas concordam plenamente com a afirmação de que sua aprendizagem no curso é significativa, 18% (n=17) concordam com restrições e 2% (n=2) discordam em parte. Conforme figura a seguir:

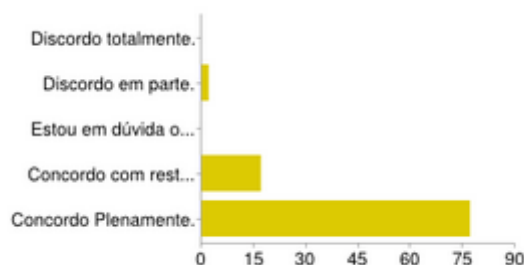


Figura 1 – Minha aprendizagem no curso está sendo significativa?

A concordância de que há aprendizagem significativa pode estar relacionada tanto aos aspectos pedagógicos e organizacionais do curso, como pelo próprio perfil dos alunos que são profissionais que atuam ou têm alguma inserção relacionada aos conselhos escolares, o que favorece o estabelecimento de relações com seus conhecimentos prévios e contribui para que o conteúdo tenha funcionalidade, conforme explicitam Zabala e Arnau (2010).

A motivação, "um conjunto de processos que desencadeiam a ação, determinando sua intensidade e direção (aproximação ou fuga), além de, em alguns casos, a perseverança" (LIERY, 2010, p.11), também é um elemento a ser considerado no processo de aprendizagem. No curso, esses aspectos também podem ser associados às características do público alvo e observa-se que entre os cursistas participantes, 67% (n=64) concordam plenamente com a afirmação de que participam do curso motivado, 31% (n=30) concordam com restrições e 2% (n=2) discordam em partes. Conforme figura a seguir:

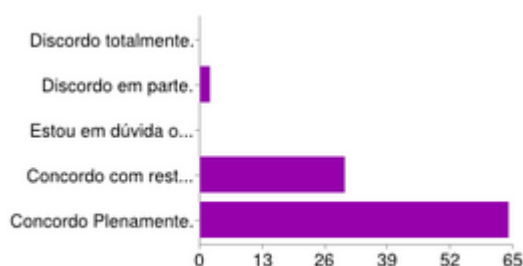


Figura 2 – Participo do curso motivado?

As justificativas apresentadas pelos cursistas que se consideraram motivados ou não a participarem do curso são muitas. Dentre os cursistas que responderam concordar com a afirmação, pode-se perceber que a grande maioria se motiva pela busca de novos conhecimentos e pelo aprendizado que o curso vai lhes proporcionar, conforme as falas a seguir: “por ter a oportunidade de aprender e contribuir com a escola”, “gosto muito de aprender sempre estou participando de um curso ou outro e como não tenho muito tempo os online são de grande valia” e ainda “me sinto motivada, pois é muito importante estar trocando idéias e aprendendo mais

sobre a atuação dos Conselhos Escolares”.

A segunda questão que mais motiva os cursistas é o fato de concordarem com a temática do mesmo. Muitos se dizem envolvidos e confiantes na questão da gestão democrática. A fala desse cursista ilustra bem esse envolvimento: *“minha motivação tem relação com minhas convicções. Acredito na democracia-participativa e na organização popular na construção da educação emancipadora”*. Outro aspecto bastante citado foi a necessidade de aperfeiçoamento profissional: *“acredito que é de extrema importância eu me informar de tudo que se refere a educação e a escola, pois é nela que vivo maior tempo da minha vida, e é nela que escolhi trabalhar e ser uma boa profissional”*.

Outras questões que apareceram como motivadoras dos cursistas foi a própria modalidade com que o curso é ofertado e a possibilidade de refletirem sobre suas práticas. A inserção profissional e outras atividades em que os alunos estão envolvidos torna a modalidade a distância que flexibiliza os espaços e tempos para aprender (MOORE e KEARSLEY, 2007) atrativa, o que em muitas situações é o que garante sua possibilidade de acesso a formação.

Com relação aos cursistas que afirmaram participarem do curso motivados, mas com restrições, as suas justificativas foram principalmente relacionadas a necessidade de implantação dos Conselhos Escolares, falta de tempo e também a necessidade constante de aperfeiçoamento profissional.

Ainda com relação à motivação, tomou-se como indicador a iniciativa autônoma dos cursistas para ler e pesquisar mais sobre o assunto apresentado no curso. Entre o total de respostas, 75% (n=72) afirmam concordar plenamente, 21% (n=20) afirmam concordar com restrições, 2% (n=2) afirmam estar em dúvida ou não se aplica e 2% (n=2) afirmam discordar em partes. Conforme figura a seguir:

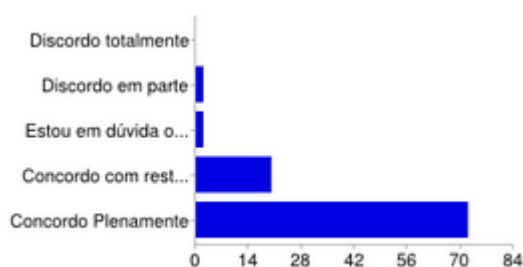


Figura 3 – Sinto-me motivado(a) a ler e pesquisar mais sobre o assunto?

A interação com o tutor e o papel que exerce na mediação pedagógica entre o aluno e os conteúdos do curso, na relação com seus colegas e com as tecnologias, na avaliação e feedback, são aspectos que contribuem para a aprendizagem dos alunos (GUTIÉRREZ, F.; PRIETO, 1994; BELLONI, 1999; MOORE e KEARSLEY, 2007) e também com a sua motivação. Nesse sentido, os cursistas foram questionados sobre se a interação, as atividades propostas no curso, a avaliação e o

retorno recebido em relação às atividades contribuem com a aprendizagem.

Destaca-se que 84% (n=81) dos cursistas afirmaram concordar plenamente com a afirmação de que a interação com a tutoria contribui efetivamente com a aprendizagem, enquanto 14% (n=13) concordaram com restrições, 1% está em dúvida ou não se aplica e 1% discorda em partes. Conforme figura a seguir:

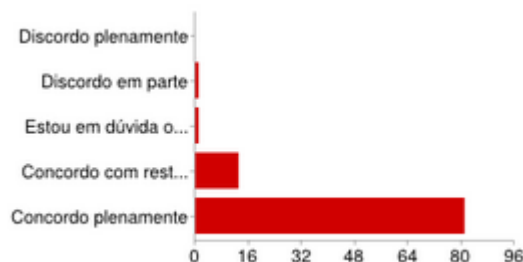


Figura 4 – A interação com a tutoria (UFSC) tem contribuído efetivamente com a minha aprendizagem?

Em relação ao questionamento sobre se as atividades propostas no curso contribuem efetivamente para a aprendizagem ou não dos cursistas, foi possível identificar que 81% (n=78) responderam que concorda plenamente com a afirmação, 17% (n=18) concordam com restrições e 1% (n=1) está em dúvida ou não se aplica. Dados apresentados na figura a seguir.

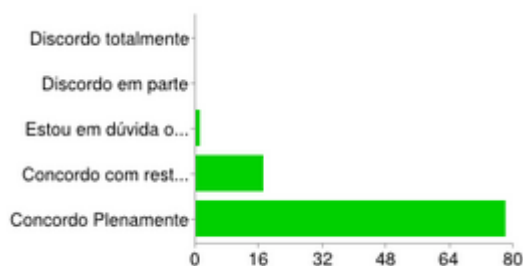


Figura 5 – As atividades propostas contribuem efetivamente para a minha aprendizagem?

Quando questionados sobre se a avaliação e o retorno recebidos com relação às atividades realizadas contribuem efetivamente para a aprendizagem, 88% (n=84) concordam plenamente com essa afirmação, enquanto 10% (n=10) concordam com restrições e 2% (n=2) discordam em partes, de acordo com a figura a seguir.



Figura 6 – A avaliação e retorno recebidos com relação às atividades realizadas contribuem efetivamente com a minha aprendizagem?

Estes resultados possibilitam inferir que a maioria dos cursistas se posiciona positivamente em relação à mediação pedagógica (GUTIÉRREZ; PRIETO, 1994) realizada pelas tutoras do curso em seu processo de aprendizagem.

Quanto aos resultados relacionados à avaliação, permitem acreditar que eles reforçam a sua importância para a aprendizagem. Salienta-se que no decorrer do curso ela é feita com base no diálogo com o aluno, buscando orientá-lo em relação ao seu processo de aprendizagem, bem como buscando incentivar a reflexão sobre as questões abordadas. Nesse sentido, corrobora-se com a noção descrita por Moore e Kearsley (2007) de que a avaliação pode contribuir efetivamente com a aprendizagem.

Além disso, o questionário permitiu identificar alguns aspectos positivos e negativos na percepção dos cursistas com relação ao curso. Foi solicitado que eles completassem duas frases: “O que mais gosto no curso é” e “O que menos gosto no curso é”. Com base nessas respostas foram criadas categorias e tabuladas na tabela 1:

O que menos gosto no curso é...		O que mais gosto no curso é...	
30	Falta de tempo	48	Material/ Conteúdo/Atividades
10	Prazo das atividades	20	Conhecimento/ Aprendizado
8	Falta de encontros presenciais	8	Interação
3	Problemas com o ambiente	6	Flexibilidade/ Modalidade
4	Participar dos fóruns	4	Feedback
4	Material	3	Abordagem
3	Dificuldades com a tecnologia	2	Tutoria
3	Feedback demorado/ Insuficiente	2	Pesquisa/ Reflexão
7	Atividades	2	Tempo adequado
2	Falta de atividades em grupo	1	Encontro presencial
2	Internet ruim	Total 96	
1	Não cumprir prazos		
15	Nada		
4	Interagir		
Total 96			

Tabela 1 – Frequência dos aspectos citados, relacionados ao que os cursistas gostam e não gostam no curso?

Pelos indicadores da tabela, o “*Material/Conteúdo/Atividades*” aparece como o aspecto que os cursistas (48) mais gostam no curso. Nesta categoria, considerou-se as respostas que se referiram à leitura dos cadernos pedagógicos, materiais complementares, textos, atividades e qualquer material disponibilizado no ambiente virtual de aprendizagem, como demonstram as respostas de alguns cursistas: “*a quantidade e a riqueza das informações e conteúdos que são disponibilizadas*”; “*os temas que são abordados e as atividades que nos fazem relacionar o que aprendemos com o que queremos realizar*”.

Esses indicadores apontados pelos cursistas como elementos que mais gostam no curso oferecido nos permitem reafirmar a importância da mediação pedagógica, isto é, da seleção e tratamento de conteúdos e de sua organização a partir do uso de tecnologias e estratégias didáticas para interação destes com os materiais apresentados para o processo de aprendizagem (GUTIÉRREZ e PRIETO, 1994).

Além disso, o uso de ambientes virtuais e os recursos que disponibilizam para atividades de ensino e aprendizagem, tal como textos, os espaços de comunicação e interação e de avaliação permitem aos cursistas e tutores dialogarem entre si e com os pares, de forma síncrona ou assíncrona (SANTOS, 2009), flexibilizando a questão do tempo e a organização de atividades nestes processos.

Entre o total de respostas que citaram preferência pelo “*Conhecimento/Aprendizado*”, identificou-se em todas as respostas a menção ao aprendizado consolidado ao longo do curso, como evidenciam as narrativas de três cursistas: “*Estar por dentro no que se refere a Conselhos escolares e legislações em geral*”; “*Ter aprofundado conhecimentos sobre participação e gestão democrática*”; “*a oportunidade de aprender algo novo*”.

Por meio de uma análise de conjunto dos indicadores “*Prazo das atividades*” (10), “*Material*” (4), “*Atividades*” (7), apresentados na tabela como aspectos que os cursistas não gostam, e das respostas para cada uma destas categorias, identificamos que a densidade das atividades e dos conteúdos propostos e sua relação com o prazo de entrega foi um assunto recorrente entre este grupo de (21) cursistas, como mostram as suas narrativas: “*Não gostei dos prazos!!! Que por mais que sejam longos, sempre passam muito rápido!*”; “*Confesso que ao final do curso a elaboração do Plano Inicial toma muito tempo de nossas vidas e me deixa muito falho para entregar em tempo hábil as atividades propostas*”; “*algumas atividades são muito extensas*”.

A interação é um aspecto que foi mencionado como preferência por uma minoria de cursistas (8). Nas respostas, foi possível identificar que a interação e a troca de ideias com os colegas são mais significativas para estes cursistas do que a interação com o tutor. Por meio da análise de alguns indicadores apresentados

pelos cursistas como aspectos que não gostam ao longo do curso, cogitou-se a possibilidade de que a interação à distância ainda é um elemento que pode dificultar a aprendizagem dos alunos. Isso porque apareceram nas respostas a esta questão assuntos relacionados à necessidade de momentos presenciais de aula, categorizados no indicador “*Falta de encontro presenciais*” (8), à necessidade de participação online, presente nas narrativas do indicador “*Participar dos Fóruns*” (4). A falta de tempo (20), a “*Falta de atividades em grupo*” (2) e o “*Feedback demorado/insuficiente*”(3) também foram aspectos pontuados pelos cursistas.

Sobre o que é positivo no curso, também foi possível identificar que alguns cursistas (n=6) valorizam a flexibilidade temporal que a modalidade a distância envolve, conforme esta narrativa: “*ter liberdade de estudar conforme meus horários*”, e que atribuem importância aos feedbacks das atividades, à abordagem clara e objetiva do curso e as possibilidades de interação/parceria com a tutoria.

Esses elementos reforçam a importância da interação e o diálogo entre os cursistas, entre eles e as tutoras, para que estas possam acompanhar e orientar a organização de cada um dos cursistas em relação ao acesso ao ambiente virtual, à realização de atividades, ao tempo de dedicação no curso e à comunicação com todos os envolvidos. Como a oferta do curso é totalmente a distância, é necessário mediar a participação do cursista levando em conta suas expectativas, motivações e possibilidades de interação.

Considerando o que os cursistas dizem gostar menos no curso, é a falta de tempo que cada um tem para se dedicar aos estudos que tem o maior número de respostas (n=29) nesse sentido. Conforme coloca um cursista: “*a falta de tempo para desenvolver as tarefas da forma que gostaria*” é o que ele menos gosta no curso.

Esse aspecto da “falta de tempo” é uma queixa recorrente e pode ser relacionada tanto ao perfil dessa turma, composta por alunos adultos e que desenvolvem atividades profissionais, quanto ao perfil do aluno da EAD em geral. Uma questão pessoal que por vezes influencia na motivação e no processo de aprendizagem. Aspectos que podem ser reforçados pelo fato de que “*temos um tempo cronológico objetivo e mensurável que se esgota e impõe limitações reais ao estudo e ao processo de formação*” (RAMOS, 2013).

Ainda que muitos cursistas (n=15) responderam que não há nada no curso que eles não gostem, há algumas outras questões que desagradam os cursistas, além da falta de tempo. O prazo para a realização das atividades também desagradou muito (n=11). Conforme a fala desse cursista: “*os prazos, que por mais que sejam longos, sempre passam muito rápido*”. A falta de encontro presencial foi mencionada por 8 cursistas, que falaram não gostar do curso: “*ser totalmente a distância*” e sobre haver “*poucos momentos presenciais*”.

Questões que desagradam alguns cursistas, agrupadas nas categorias “*Sistema falho/demorado*”, “*dificuldades com a tecnologia*” e “*internet lenta*”, podem

ser entendidas em conjunto a medida que demonstram dificuldades que ainda existem com relação a modalidade. Conforme a fala desse cursista: *“a internet lenta na minha cidade”*, podemos entender que alguns municípios parecem carecer de infraestrutura necessária, também quando um cursista fala que: *“acho o sistema meio complicado”*, nos remete a necessidade de aprimoramento das ferramentas. Mas todas essas falas podem ser subsumidas na categoria *“dificuldades com a tecnologia”* denotando por vezes pouca familiaridade com as ferramentas, como coloca esse cursista: *“ter que acessar chat e outras coisas, meus conhecimentos de computador são poucos”*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, os resultados encontrados, tendo por base os questionários respondidos acerca da avaliação do Curso de Extensão de Formação Continuada em Conselhos Escolares e, de acordo com as falas dos próprios cursistas, demonstraram uma aprendizagem significativa por parte destes, indicando a contribuição desse modelo de formação para a educação catarinense no que diz respeito a temática da gestão democrática.

Conforme relatam, além de aprenderem significativamente, os cursistas se dizem motivados a participarem do curso, muito em virtude do conhecimento por eles adquirido. Dizem também que as atividades propostas, a interação com a tutoria e os retornos recebidos contribuem efetivamente para seu aprendizado. Dados bem positivos para a equipe do curso na medida em que a qualidade da interação e o cuidado na escolha dos materiais e na elaboração das atividades são considerados como essenciais para a construção de um bom curso na modalidade a distância.

Os respondentes demonstraram autonomia quando afirmaram se sentirem motivados, a grande maioria, a buscar novos conhecimentos por meio do curso. Por serem os cursistas todos adultos e atuantes profissionalmente, o principal aspecto tanto desmotivador do estudo como o que mais desagrada a maioria, é a falta de tempo para se dedicarem mais aos estudos.

Ainda que seja necessária a reflexão e a ação a respeito de várias questões levantadas pelos cursistas, é possível reafirmar o sucesso do curso como um processo que possibilita reconstruir-se após cada fase concluída, em virtude das avaliações feitas, como a que gerou o presente estudo.

Referências

- BELLONI, M. L. Educação a Distância. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.
- CAVALCANTI, Roberto A.; GAYO, Maria A. A andragogia na educação universitária. Conceitos, João Pessoa: ADUFPB; João Pessoa: Editora da UFPB, v.1, n. 11, p. 44-51, jul. 2005.
- GUTIÉRREZ, F.; PRIETO, D. A Mediação Pedagógica. Educação a Distância alternativa. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

- COLL, C; MONEREO, C. Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e comunicação. Tradução NailaFreita. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- LIERY, Alain. Psicologia: experimentos essenciais: como exercitar seu cérebro. São Paulo: Duetto Editorial, 2010.
- MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. Educação a Distância: uma Visão Integrada [Tradução Roberto Galman]. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- MARTINS, A. S. Um olhar sobre as mídias em práticas pedagógicas na Didática universitária (dissertação) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós Graduação em Educação.
- RAMOS, D. K.; Perfil dos alunos de licenciatura a distância e aspectos que contribuem para aprendizagem. Reflexão e Ação (UNISC. Impr.), v. 21, p. 199-220, 2013.
- ZABALA, A.; ARNAU, L. Como aprender e ensinar competências. Porto Alegre: Artmed, 2010.